

Proibido pouso em Brasília. Seguir para Louisiânia

Eliane de Andrade¹

*Perto de ti é difícil pensar, Zé Ninguém.
É apenas possível pensar acerca de ti, nunca contigo.
Porque tu sufocas qualquer pensamento original.*

Wilhelm Reich

Agosto de 1976. Sábado. O Brasil perde um grande guerreiro: Juscelino Kubitschek de Oliveira. Morte por encomenda. João Rufino Neto, seu amigo de infância, declara que ele foi morto por inveja. Eu discordo, e discorrerei sobre: Juscelino foi morto por ódio.

“Jucilino”, como é chamado por alguns, nasceu em Diamantina, em 12 de setembro de 1902. Conta o cinegrafista do Memorial JK que, nesse dia, o pai, João César de Oliveira, dispensou um encontro com um amigo, pois “tinha nascido o futuro Presidente da República”.

Mas esse pai que recebe seu filho de forma tão alvissareira morre quando Jucilino tem apenas dois anos, deixando-o na pobreza. As lutas da mãe, professora, educam o menino e a irmã. Ele trabalha em todos os pequenos afazeres que crianças e púberes alcançam para ganhar algum trocado. Já adolescente, consegue, com a venda do único bem valioso de sua mãe (um objeto de ouro), vir para Belo Horizonte, onde se forma urologista e se liga, ainda que não muito conscientemente, à vida política.

Em 1940, torna-se Prefeito de Belo Horizonte. Cria bairros, arboriza a cidade, constrói indústrias rodoviárias. Inventa a Pampulha, “antecedente de Brasília”. Elege-se Governador de Minas logo em seguida, criando infraestrutura que moderniza todo o Estado.

Em 1955, é eleito Presidente do Brasil, com 36% dos votos, tendo como vice João Goulart. Em outubro do mesmo ano, a oposição tenta “melar” a eleição dizendo que ele não havia sido eleito por maioria absoluta, apesar de a Constituição não a exigir. O Marechal Lott, outro mineiro de garra, garante a posse de Juscelino. Começa a construção do Distrito Federal, desafio lançado por um homem do povo, Antoniquinho, sobre a fidelidade de Juscelino à Constituição, cujo artigo 4º das Disposições Transitórias rezava que a capital do Brasil fosse construída no Planalto Central.

A despeito da inospitalidade do cerrado do altiplano, da descrença de todos e do vazio da modernidade, Juscelino garante que assim fará. E assim o faz. Nessa empreitada, nomes como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Israel Pinheiro começam a se fazer conhecidos no cenário nacional.

¹ Analista Didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais e da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, da *International Psychoanalytical Association* (IPA).

O mundo passa a conhecer JK como um mineiro buscando modernidade. É um visionário. Não se limita a repetir os cânones de seus antecessores e vai conferindo ao Brasil, a despeito do clima nazista de Getúlio Vargas, um desenho moderno, dizendo “não” ao FMI, exigindo apoios internacionais e buscando retirar o País da obscuridade em que as administrações anteriores o haviam jogado.

As 30 metas às quais Juscelino se dedicou tinham por objetivo retirar o Brasil da condição de subdesenvolvimento. O País de então tinha de viver dos favores do exterior. A luta de Juscelino era por produzir. Criou o maior Salário Mínimo de todos os tempos, a hidrelétrica de Furnas, iniciou a indústria naval e a indústria automobilística. Seus cinco anos de governo constituem o período de maior crescimento nacional – 7% ao ano –, em que o brasileiro cria uma nova maneira de ser e viver.

Em 1959, rompe com o FMI, que não queria a construção de Brasília. Sobre isso, Juscelino diz textualmente: "o que estava em jogo não era a concessão de um empréstimo, mas a defesa da soberania nacional". Esse ingrediente de coragem acaba lhe valendo, depois, a ajuda do próprio FMI.

JK constrói Brasília, transforma o Brasil em um País respeitável e moderno e, no seu último dia de governo, quando transfere a faixa para Jânio Quadros, uma multidão impressionante o leva até o aeroporto, num gesto de reconhecimento do valor do grande estadista que foi.

Eleito senador, é cassado com o golpe de 64, porque seria um candidato imbatível às eleições de 1965. É novamente levado nos ombros do povo até o aeroporto do Galeão, de onde parte para seu exílio. Fica exilado em Paris por três anos. Passa por penúrias, inclusive financeiras, atenuadas somente pela lealdade de amigos brasileiros que lhe levam dinheiro. Quando retorna ao Brasil, o País já está nos braços da ditadura.

Passa a viver quase clandestinamente e sente muitas saudades de Brasília. Para amenizar esse sentimento, compra um sítiozinho nos arredores da cidade e começa a visitá-la nas madrugadas, para conseguir ver seus monumentos. Muitos o viam entre os monumentos, molhando-se na chuva, mas não o reconheciam. Acreditavam ser mais um caminhoneiro deslumbrando-se diante das belezas da capital federal.

Antes de morrer, contudo, Juscelino ainda teria de experimentar mais do fel de seus opositores. Sobrevoando Brasília em seu avião Alfa-Juliet, em 1972, tem um problema técnico, com escape de óleo e aumento de pressão. O piloto, logicamente, pede permissão para pouso de emergência no aeroporto de Brasília, que é negada, quando confirmada a presença do ex-presidente a bordo. A ordem é seguir para Anápolis. Juscelino teme morrer sem ver o País livre. Os militares não cumprem a promessa de eleições livres, e ele se deprime. Geisel toma posse.

Tendo um bilhete para ir a Brasília, Juscelino é morto, estranhamente, no percurso São Paulo-Rio. Uma multidão comparece ao enterro, como havia comparecido à posse, ao desfecho do

seu governo e ao exílio. Na missa de corpo presente, os candangos desmancham as coroas de flores e jogam as pétalas numa chuva de despedida. Tomam o corpo da missa e saem em passeata pela cidade amada, com seu pai. Hoje, em Brasília, o Memorial JK, obra construída ainda durante a ditadura pelo esforço de Sara, esposa de Juscelino, mantém a lembrança do criador do Distrito Federal.

A história de JK nos remeteria, talvez, aos ritos de apaziguamento executados pelos povos da ilha de Timor, ditos “selvagens” por Freud. Em “Totem e Tabu” (1974a)², Freud nos conta como o ódio social precisa ser organizado de forma a neutralizar o temor aos inimigos. Ou seja, os ditos primitivos seguem uma infinidade de observâncias para assassinar um inimigo. Têm por este um respeito tácito, inclusive *post mortem*.

Segundo Freud, as observâncias com o inimigo assassinado exigem: o apaziguamento do inimigo assassinado; restrições sobre o assassino; atos de expiação e purificação por parte dele e certas observâncias cerimoniais. “Também o chefe da expedição vitoriosa é submetido a restrições notáveis, ao trazer a cabeça do inimigo” (FREUD, 1974a).

Eles acreditam que algum infortúnio sobrevirá ao vencedor caso essas oferendas sejam omitidas. Além disso, parte da cerimônia consiste numa dança acompanhada por um cântico, no qual a morte do homem assassinado é lamentada e suplicado o seu perdão. “Não tenhais raiva”, dizem, “porque vossa cabeça está aqui conosco. Se tivéssemos tido menos sorte, nossas cabeças poderiam estar agora expostas em vossa aldeia. Oferecemos o sacrifício para vos apaziguar. Vosso espírito pode agora descansar e deixar-nos em paz. Por que fostes nosso inimigo? Não seria melhor que tivéssemos permanecido amigos? Então vosso sangue não teria sido derramado e vossa cabeça não teria sido decepada” (FREUD, 1974a).

Vemos, então, com interesse, como sociedades e civilizações de todas as épocas tentam usar seu ódio de maneira aceitável. Uma vez perpetrado o gesto mortal, o gesto do mal, ainda assim aquele que odeia se justifica pela, como diria Umberto Eco (1977), limpeza estética.

Juscelino foi morto em um acidente de carro que já havia sido anunciado 15 dias antes pela mídia. Sua morte foi consequência da paranoia do governo militar, que lhe impedira o acesso a Brasília, mesmo que a passeio. Por que esse ódio?

Ao nascermos, nossos instintos estão todos em estado bruto. É a maternagem que os vai magnetizando e alinhando no sentido do Édipo. Alguns de nós trazem boa carga socializável e, mesmo na ausência de uma mãe suficientemente boa, conseguem organizar-se levando em

² Ensaio escrito em 1913-1914.

consideração o outro. Já outros tantos, apesar de terem tido ótimas mães, são presas fáceis da desorganização instintual.

Como diria Melanie Klein (1975), os impulsos orais, tanto libidinais quanto agressivos, interagem, correspondendo à fusão entre os instintos de vida e de morte. Sendo a fome uma das atrozes tensões às quais o bebê está submetido, somente nos períodos livres dela é que haveria um equilíbrio entre instintos libidinais e agressivos. Para a autora, é na perturbação entre instintos libidinais e agressivos que a voracidade se dá, sendo de natureza oral. “Qualquer intensificação da voracidade reforça sentimentos de frustração, os quais, por sua vez, reforçam os impulsos agressivos” (KLEIN, 1975). Na criança com essa agressividade inata forte, a tolerância à frustração e o manejo da agressividade ficam prejudicados.

A evolução da vida leva-nos à introjeção do seio bom, do objeto bom, aquele que sacia verdadeiramente a fome e que se torna fonte da fantasia onipotente de ser inexaurível e, portanto, de haver uma saciedade plena. Mas é a mesma evolução da vida que nos garante que tal inexauribilidade nunca será alcançada, o que dificulta, para aqueles que têm carga agressiva aumentada, a instalação do seio bom internamente. A própria agressividade, inatamente aumentada, facilita a introjeção de um seio bom danificado. Esses mesmos instintos agressivos diminuem a capacidade de tolerar a frustração e aumentam a voracidade, facilitando a cisão entre o instinto de vida e o instinto de morte e enfraquecendo o ego. A recorrência da gratificação e da frustração é poderoso estímulo para os impulsos libidinais e destrutivos, para o amor e para o ódio.

Portanto, na cultura, sempre haverá aqueles que, por odiarem em demasia, podem se ligar às doutrinas estabelecidas para justificarem o exercício do ódio, pois, como afirma Freud (1974b)³:

mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo. Esta também é a razão por que se faz tão pouca diferença que já se tenha feito a coisa má ou apenas se pretenda fazê-la. Em qualquer um dos casos, o perigo só se instaura, se e quando a autoridade o descobrir, e, em ambos, a autoridade se comporta da mesma maneira.

A diferenciação entre o ódio fantasiado e o vivido por meio de ações só existe quando há um superego. Tendo ficado retida a possibilidade de sua organização, a fantasia corresponde à realidade e a ação se torna a única forma de se livrar das pressões internas fortíssimas de ódio, pois as vias de pensamento e elaboração estão imperfeitas, não constituídas. Somente a introjeção da autoridade, formando o superego, poderia construir um ajuizamento das ações, uma crítica sobre a realidade,

³ Original publicado em 1930.

um reino de ética que permitisse a satisfação interna apesar das privações. Mas, para a árdua missão de se alcançar um superego, deve existir uma boa mãe e um bom pai, ainda que representados.

Ora, eleger alguém para um cargo é delegar-lhe o poder decisório sobre parte de nossas vidas. Se eleito alguém em quem não votamos, teremos de conviver, independentemente disso, com parte de nossa vida sendo dirigida por outrem. Um regime de exceção é aquele no qual apenas os que tomaram o poder acreditam ter competência e autoridade para dirigir a vida das pessoas. Também é um dos regimes que acreditam em poder tirar essas vidas. Portanto, trata-se da generalização social da defusão dos instintos, autorizando e legitimando a dominância do instinto de morte sobre o instinto de vida.

Ainda em “Totem e Tabu”, Freud nos ensina que a sacralização dos governantes, na base histórica da humanidade, dá a eles, no imaginário popular, a possibilidade de só serem respeitados enquanto estiverem no cumprimento daquilo que é considerado dever de sua posição em benefício do povo. Ao encerrar sua missão, terão sorte se escaparem com vida.

Este que causa o ódio vem de fora; é um elemento externo que a mim perturba, que provoca desprazer. É, portanto, mais antigo que o amor. Também nos ensina o mestre que o sentimento de culpa é a única mola do desenvolvimento social. Este, entretanto, escapa ao foco deste artigo.

Assim, entendemos que ódio é o sentimento violento de desejar o mal a qualquer um e se rejubilar com o mal que lhe aconteça. Entendemos também que é um nojo, uma antipatia. Que é integrante das relações objetais e que é, se demasiado, responsável pelo domínio de Tânatos sobre Eros (HOUAISS, 2009; MIJOLLA, 2005).

REFERÊNCIAS

CHUSTER, A.; TRACHTENBERG, R. *As sete invejas capitais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ECO, Umberto. *Cinco Escritos Morais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a, vol. XIII, pp. 63-103. Ensaio de 1913-1914.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b, vol. XXI, pp. 73-171. Original publicado em 1930.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.1377.

LEBRUN, J-P. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: Editora CMC, 2008.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 86-93.

MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2005, p.1310.

REICH, W. *Escuta, Zé Ninguém*. Lisboa: Martins Fontes, 1977.

ROMANO, R. *Os nomes do ódio*. São Paulo: Perspectiva, 2009.